

A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA NA REDE PRIVADA DE ENSINO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PARCERIA ESCOLA - FAMÍLIA.

Thamires Thayane Costa do Nascimento; Profa. Dr^a. Sandra Alves da Silva Santiago.

Universidade Federal da Paraíba

thamiresthayane@hotmail.com

sandraassantiago@gmail.com

Resumo do artigo: O presente artigo trata-se de um estudo de caso, de uma criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA matriculada no ensino regular em uma escola particular em João Pessoa cujo objetivo é analisar o papel da escola e da família no seu desenvolvimento, bem como os desafios e a necessidade de uma formação adequada dos professores a fim de que a inclusão se efetive. Desse modo, configurou-se numa pesquisa de natureza qualitativa, cuja metodologia utilizada foi um estudo de caso. E por instrumentos de pesquisa dispomos de um questionário destinado aos professores que lecionam na escola do referido aluno e uma entrevista com a mãe da criança. Os resultados revelaram que os professores conhecem um pouco sobre o TEA, mas não possuem cursos de capacitação e formação específica, mas, foram em busca de estratégias, quando a necessidade se fez presente. Os resultados revelaram que se houvesse mais conhecimento a respeito das metodologias de atendimento ao TEA, mais benefícios teriam sido registrados, mas que o grande diferencial nesse caso foi à parceria entre família e a escola.

Palavras-Chaves: Inclusão, TEA, Parceria família e escola.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a Educação Especial não é algo novo, já existe há muito tempo. Felizmente se pararmos para analisar o seu processo histórico contemplaremos uma grande caminhada até chegar os dias atuais, podemos admitir que há algumas conquistas e muitos obstáculos ainda por superar.

De início a educação, por sua vez, não consistia em direito de todos, somente em meados do século XIX que se registram iniciativas diferenciadas para o público da educação especial. Entretanto, apesar desse avanço, a ideia de participação plena desses indivíduos ainda se distanciava do que se considera satisfatório.

Felizmente vai se consolidando um novo modelo educacional: a inclusão. Pode-se destacar como um dos marcos iniciais da educação inclusiva a Declaração de Salamanca (1994), um documento mundial elaborado na Espanha que propõe a inclusão social, trazendo

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

a educação como direito de todos. Atualmente estamos nesse processo de inclusão que coloca na escola o papel de se adaptar a todos os alunos, independentemente de suas necessidades.

No Brasil temos uma vasta legislação (BRASIL, 1996; 2001; 2008; 2015) que se compromete com as recomendações inclusivas. Nessa perspectiva, a Educação Especial é comprometida como modalidade de ensino que perpassa todos os níveis de ensino e é responsável pelo atendimento educacional especializado (AEE) para estudantes com deficiência, com transtornos globais de desenvolvimento (onde se insere o TEA) e com altas habilidades\superdotação. (Alonso, 2013). No entanto, entre a lei e o cumprimento dela há uma distância muito grande.

Assim, nosso objetivo é analisar o processo de inclusão de uma criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA matriculada no ensino regular em uma escola particular em João Pessoa, considerando o papel da família e da escola como elementos decisivos para que haja superação e inclusão.

1.1. CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Hoje em dia muito se fala em autismo, mas a maioria das pessoas não entende muito sobre o assunto e acabam criando ideias equivocadas sobre a realidade do transtorno. De acordo com Silva et al (2012), o TEA, em crianças, é mais comum que o câncer, a Aids e o diabetes. O Autismo é uma palavra grega que quer dizer voltar-se para si mesmo, e se trata de um distúrbio no desenvolvimento humano que envolve dificuldades na comunicação, no comportamento e na socialização. Seus primeiros sintomas acontecem antes dos três anos de idade e se manifesta mais em meninos.

Nem sempre uma pessoa com TEA vai apresentar as mesmas características que outra, mesmo tendo o mesmo diagnóstico. É importante destacar que vai depender do tipo de variação do transtorno, bem como das intervenções que são realizadas. Por esse motivo não podemos nos utilizar do termo “autista” e sim Transtorno do Espectro Autista, pois devemos considerar que o transtorno reúne diferentes variações.

Segundo Silva et al (2012) o TEA pode ser dividido em quatro tipos: traços leves do autismo, síndrome de Asperger, autismo clássico e de alto funcionamento. De outro modo, o TEA também pode ser entendido a partir do que preceitua o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM- V), publicado em 2013. Nesse documento, o TEA é classificado como: Leve, Moderado e Severo.

1.2. O PAPEL DA FAMÍLIA E ESCOLA

Sabemos que a família e a escola na vida de uma criança tem uma participação importantíssima, inclusive nas crianças com TEA, tornando mais fácil a sua integração na sociedade e no processo ensino aprendizagem. As maiores dificuldades enfrentadas é o diagnóstico, pois geralmente, o mesmo acontece tardiamente, o que atrapalha as intervenções precoces.

Sobre o assunto, Teixeira (2017, p.20) destaca que “o diagnóstico precoce é fundamental no processo de tratamento”. Portanto, “crianças diagnosticadas precocemente tem uma chance muito maior de apresentarem melhorias bastante significativas” na escolarização e na inclusão (TEIXEIRA, 2017, p.20). No entanto, se sabe que não existe cura.

É compreensível que as famílias de crianças com TEA enfrentem conflitos, medos, insegurança ao se depararem com o diagnóstico. Nesse sentido, Silva et al (2012) adverte que é preciso resiliência. Em alguns casos, os pais se culpam pela situação e é nessa hora que eles precisam se unir ainda mais para procurar a escola, grupos de apoio, famílias que apresentam uma realidade parecida para que possam, assim, trocar experiências, angústias e conquistas.

Nas palavras de Mello (2012, pag. 65):

Receber o diagnóstico de autismo é sempre impactante para os pais. A partir desse momento, brota um turbilhão de situações e emoções inesperadas no seio familiar: angústias, conflitos, frustrações, medos, inseguranças.

Quando a família chega ao momento de aceitação, sem dúvida alguma, passa a colaborar para o desenvolvimento da criança com TEA. Pouco a pouco a família precisa entender o TEA como uma maneira diferente de ver o mundo, que acompanhará a criança ao longo de sua vida e que, portanto, precisará de apoio e compreensão familiar constante.

E ao longo dessa vida é importante que a escola e a família caminhem sempre juntas, com objetivos comuns, pois não adianta a escola fazer todo um trabalho de intervenção buscando que a criança se desenvolva, como por exemplo, na conquista da autonomia, para ao retornar a sua casa a família desfaça esse trabalho.

No que diz respeito à inclusão escolar, não significa apenas a criança estar presente, ou seja, matriculada. Incluir só ocorre quando há participação efetiva dessa criança na escola.

Para Silva et al (2012, p. 74), “ a vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência”. Portanto, a criança com TEA deve estar inserida no contexto escolar e a escola deve respeitar suas particularidades.

Esse é um direito garantido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9394/96), bem como na Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (2008) e na lei brasileira de inclusão (2015), onde está previsto a matrícula, a aprendizagem e a formação docente adequada a fim de que a inclusão aconteça. Entretanto, sabe-se que na prática ainda temos muitos problemas. Um deles é a falta de formação adequada para os profissionais da escola, o que agrava a situação de alunos com TEA, já que os que fazem a escola não se sentem preparados para lidar com essa demanda.

É preciso garantir o acesso, mas também a permanência dessas crianças na escola para isso é necessário que o professor pense positivo e acredite nas diversas capacidades que uma criança com TEA pode apresentar. O professor deve chamar mais atenção para as potencialidades do aluno e não para suas limitações. É essa confiança depositada no aluno que contribui para ampliar suas possibilidades de aprendizagem, além de materiais adaptados, atividades diferenciadas, dependendo da necessidade de cada aluno. Entretanto, o trabalho do professor é uma parceria com a família, conforme defende a Declaração de Salamanca (1994, p.13):

A educação de crianças com necessidades educativas especiais é uma tarefa compartilhada por pais e profissionais. Uma atitude positiva dos pais ajuda a integração escolar e social. Os pais de uma criança com necessidades educativas especiais precisam de apoio para poder assumir suas responsabilidades.

É importante ressaltar que a família e a escola formam uma equipe, ambos devem estar abertos ao diálogo. Assim, um deve apoiar o outro, traçando objetivos comuns. Essa parceria é indispensável para um bom resultado na educação de todas as crianças inclusive as com TEA.

2. METODOLOGIA

O artigo apresentado é baseado num estudo qualitativo, onde os dados são compostos de explicações detalhadas, objetivando analisar e compreender os sujeitos da pesquisa (GOLDENBERG, 2004). Foi utilizado o método do estudo de caso, por entender que seria o que melhor se adequaria aos objetivos propostos.

Os sujeitos da pesquisa foram: Uma criança de nove anos, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista. CID-10 da deficiência F 84.0, que será identificado como Y; sua mãe que aqui será identificada como M; 5 (cinco) professores da instituição onde a criança estuda.

Para a coleta de dados foi realizada uma pesquisa de campo na instituição escolar privada que a criança atualmente frequenta, juntamente com questionários destinados aos professores. Também foi realizada uma entrevista com a mãe da criança e a mesma se sentiu à vontade expressando seus reais sentimentos, relatando acontecimentos pessoais, passados e atuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A entrevista com a mãe de Y teve questões norteadoras que auxiliaram no decorrer da conversação. Iniciamos a entrevista questionando sobre o recebimento do diagnóstico, a mãe informou que sentiu “muita dor” (SIC). Ainda diz que embora já soubesse do diagnóstico (o mesmo foi confirmado quando Y tinha nove anos), ela sofreu com a notícia. Informa também que esses anos de espera por um diagnóstico foi muito difícil, pois a mesma procura especialista “desde que Y era bem pequeno” (SIC). Ela conta que observava o irmão gêmeo de Y e fazia comparações entre eles, podendo constatar o desenvolvimento de um, e do outro não.

Questionamos se pelo fato de ter Y como filho, ocorreu alterações na vida familiar, no que diz respeito ao relacionamento conjugal. M responde que “não, nos unimos para enfrentar as dificuldades”. M ainda acrescenta que o pai de Y faz o possível para acompanhá-lo nas consultas, pois é um pai bastante presente. Mas, confessa que não é fácil lidar com uma criança com TEA e que existem momentos em que os dois se estressam com a situação, e nessas ocasiões, um apoia o outro.

Indagamos se M já passou por uma situação desconfortável. Quanto a isso, M declara que nunca viveu episódios de preconceito claramente, mas a mesma diz que consegue perceber olhares reprovando o comportamento do seu filho, e outros olhares demonstrando certo medo. M acrescenta “o olhar das pessoas diz muita coisa” (SIC).

Também questionamos como é a rotina de Y em casa. Ela nos conta que ele “é independente, mas precisa de alguns auxílios” (SIC). Como por exemplo, na hora do banho, M tenta ao máximo deixar que Y seja independente, mas ainda é necessário estar próximo, pois, sem supervisão, Y usa todo o shampoo e fica no banho por muito tempo, ainda nos relata que ele se alimenta sozinho, porém, faz muita sujeira. Sobre as habilidades de Y, segundo sua mãe ele é muito habilidoso com os desenhos e os realiza com bastante rapidez e muitos detalhes. Sabe-se que as crianças com TEA possuem gostos e interesses restritos, com

Y não é diferente. Ele gosta muito do mundo animal, conhece dezenas deles, inclusive o nome de cada um em inglês.

Perguntamos se Y faz uso de medicamento. M responde que sim e acrescenta que a partir de janeiro de 2017, com o uso de medicação, ele dorme tranquilamente a noite toda, o que antes não acontecia. M informou que a medicação se trata da Melatonina. Sobre os apoios que ela tem recebido dos profissionais da área de educação e da saúde. A mesma diz que é “positivo, pois meu filho tem se desenvolvido bastante” (SIC). No entanto M dá mais destaque a educação e diz que a saúde tem deixado um pouco a desejar. E manifesta sua decepção com o diagnóstico tardio, embora ela tenha iniciado o processo desde cedo. Procuramos saber qual é o conhecimento de M sobre os direitos previstos por lei para seu filho. Ela afirma: “desconheço a maior parte das leis e dos benefícios a que tenho direito” (SIC).

Contraditoriamente, M informa que Y já possui passagem gratuita para viagens interestaduais e que recentemente procurou o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para fins de aposentadoria de Y. Lamenta também que tenha sido informada pelo INSS, que por Y ter pais comerciantes, ele não tem esse direito. M nos conta inconformada com a situação e ainda com tom de insatisfação, ela fala que tem o benefício de comprar um automóvel mais barato, mas lamenta que para moradia, ele não tenha esse benefício.

De modo geral, percebemos que M é bem informada a respeito dos direitos de Y e talvez ela necessite em conhecer mais o TEA para conseguir mais argumentos para conquistar os direitos que ela dispõe. Em seguida, questionamos sobre as perspectivas em relação ao futuro de Y e a mesma diz que “ele seja o mais independente possível” e “não sofra nenhum tipo de discriminação e seja muito feliz” (SIC).

Como se pode ver, essa mãe é interessada no assunto, se dedica ao filho e não é leiga. No entanto, fica evidente seu descontentamento com alguns aspectos com a legislação e o atendimento na área da saúde. Felizmente observamos que a mãe de Y age de forma que ele tenha maior independência, tendo em vista que essa seja uma das suas maiores preocupações futuras.

Para melhor analisarmos o processo de inclusão de Y em uma escola regular, realizamos uma visita até a instituição onde o mesmo estuda desde seus três anos de idade. Lá foram aplicados os questionários aos professores e uma conversa com os profissionais, inclusive com a sua primeira professora, que nos possibilitou reunir informações importantes sobre o desenvolvimento de Y na escola.

A Diretora da escola nos informa que Y é matriculado em 2012, sem nenhuma comunicação da família a respeito das suas dificuldades, mas conta que a escola junto da professora já tinha percebido algo de diferente em Y, e já pensavam na possibilidade do TEA. Por esse motivo já iniciaram um trabalho voltado para que o aluno pudesse se desenvolver de maneira satisfatória.

A primeira professora conta que graças a Y passou a pesquisar mais sobre o TEA e passou adotar estratégias de usar palavras ou comandos curtos, como por exemplo: “não pode” quando ela queria que ele não pegasse o brinquedo do amigo; “volta”, quando o aluno saía da classe na hora das atividades ou “senta” quando tinha alguma apresentação no pátio, cinema ou teatro. A diretora conta que Y sentia muita dificuldade nas atividades em grupo e muita irritação e agressividade quando era contrariado, puxava os cabelos dos colegas e da professora. E em alguns momentos batia com a cabeça na parede, mas afirma que Y aos poucos foi aprendendo e seguindo os comandos.

No ano de 2015, acontece sua formatura do ABC, Y surpreende a todos com sua desenvoltura na apresentação junto de seus colegas encarando o público com um pouco de dificuldade, porém não deixa de se apresentar. Durante a conversa a Diretora relata que para o cerimonial da formatura seria necessário que todos os alunos respondessem uma lista de perguntas, como por exemplo: O que você quer ser quando crescer? Qual sua comida preferida? No entanto, Y ainda não conseguia se expressar por meio da linguagem falada, então ela conta que facilitou suas respostas utilizando figuras para que o aluno escolhesse. A escola mesmo sem ter o conhecimento do método PECS o utiliza em algumas situações.

No ano de 2016 Y passa a frequentar a escola também no período da manhã, ou seja, no contra turno das suas aulas, duas vezes na semana com objetivo de reforçar o seu aprendizado.

A diretora conta que para Y é feito um planejamento educacional diferenciado considerando suas necessidades, seguindo os conteúdos do ano em que ele se encontra. As atividades são adaptadas e relacionadas com o seu interesse, que no caso é em animais, mas, as atividades não deixam de acompanhar o currículo de toda turma, as mesmas, são sempre bem coloridas e com bastantes figuras, preferencialmente de animais. Isso motiva Y a realizar as atividades propostas. Como diz Silva (2012, p.157) “Para personalizar as atividades escolares, podemos lançar mão de variados recursos: dividi-las em pequenas etapas, traduzi-las em figuras para melhor compreensão do conteúdo escolar, dentre outros”.

Como declara Mantoan (2015, p.36) “nem todas as diferenças necessariamente inferiorizam as pessoas. Há diferenças e há igualdades – nem tudo deve ser igual, assim como

nem tudo deve ser diferente”. Com isso, faz-se necessário um planejamento individualizado para Y, diferente dos demais alunos.

Atualmente Y não é mais agressivo e sua interação com os outros não está tão prejudicada, até já faz questão de participar de todas as atividades, porém se isolando em alguns momentos. Em relação à comunicação houve um progresso significativo desde sua chegada à escola até agora, passando de um quadro na qual não verbalizava de nenhuma forma para um quadro em que Y verbaliza diversas palavras e frases bem definidas. Quanto aos comportamentos Y se desenvolve consideravelmente, já imita os colegas e permanece na sala fazendo suas atividades, porém ainda apresenta frequentemente movimentos estereotipados.

O questionário foi dividido em duas partes. A primeira consta dados de identificação. O primeiro item se refere à idade, no qual 60% têm mais de 40 anos. No segundo ponto, ainda na parte de identificação, procuramos saber a formação dos professores. O resultado foi que 100% tem formação em pedagogia sendo que 40% possui pós-graduação. E na terceira e última questão da primeira parte, buscamos identificar em que área os professores atuam. O resultado foi o seguinte: 40% atuam na educação Infantil e 60% no Ensino fundamental I.

A outra parte do questionário é composta de seis questões, tendo como objetivo analisar os conhecimentos desses professores sobre o TEA, suas experiências e dificuldades com o espectro.

Com relação à questão um, se na formação inicial tiveram alguma disciplina que lhes preparassem para intervir junto a alunos com NEES (Necessidades Educacionais Especiais) inclusive com o espectro autista, 100% dos professores responderam que Sim. Na questão dois, quando perguntamos se os professores já tiveram experiências com crianças com TEA, 100% responderam que Sim. Na questão três, quando questionamos sobre as dificuldades no exercício da atividade docente em relação às crianças com TEA, obtivemos os resultados seguintes: 40% afirmam que a sua dificuldade está na relação ensino aprendizagem e a necessidade de uma metodologia diferenciada; 20% declara que o que mais dificulta a sua prática docente é a agressividade; 20% afirma que a dificuldade é na comunicação, em entender o que as crianças sentem pelo fato de as mesmas possuírem disfunções na comunicação.

Em linhas gerais, podemos perceber que, embora os professores digam que tiveram acesso ao conhecimento sobre o TEA e tenham experiência com alunos com o transtorno, fica evidente as dificuldades quanto a lidar com os três sintomas principais do TEA: comportamento, comunicação e interação, demonstrando que os mesmos não conhecem os métodos a serem adotados para melhor aproveitamento das habilidades dos sujeitos. Como

por exemplo: ABA, PECS e TEACCH que poderiam ser adicionados em suas práticas, possibilitando um maior desenvolvimento em relação as suas dificuldades. Devido essa falta de utilização e conhecimento de métodos, os professores demonstram insegurança em suas práticas. No entanto, por intermédio das observações realizadas percebe-se que houve mudanças no decorrer dos anos em relação ao desenvolvimento de Y, todavia apesar da falta de formação específica na área e desconhecimento de métodos, os professores juntamente com a escola e a família buscaram estratégias, para superar as necessidades de Y e atingir os objetivos traçados.

4. CONCLUSÃO

O transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio no desenvolvimento humano com incidência maior em meninos. O TEA se caracteriza por disfunções nas áreas de socialização (que são as mais evidentes) no comportamento e na comunicação.

O diagnostico do TEA é algo bastante doloroso para a família, e que necessita de uma dedicação intensa e constante, mas, apesar das tristezas, dos medos e insegurança, a família precisa encarar o diagnostico com força e determinação, iniciando os tratamentos adequados, para que a criança possa receber as intervenções o quanto antes, visto que, elas serão determinantes no seu desenvolvimento.

Por esse motivo é necessário uma parceria entre e família e a escola, pois, juntos, irão trabalhar da mesma forma, ou seja, estabelecendo os mesmos objetivos e metas. Sabe-se que não é nada fácil tornar uma escola inclusiva; é necessário que cada um assuma o seu papel, tanto a família como também a escola, buscando justo o direito das crianças com TEA de frequentarem uma escola regular e que as mesmas venham ter a mesma educação que as outras crianças têm.

Porém, um dos maiores desafios educacionais em relação às crianças com TEA é o de inserir as mesmas na escola regular. Além de garantir esse acesso, que é um direito delas, a escola tem o papel de assegurar a permanência e a participação efetiva dessas crianças em todas as atividades escolares. Entretanto para que essa permanência aconteça com qualidade é necessário à utilização de métodos e um planejamento individualizado, levando em consideração as especificidades das crianças com TEA, ou seja, respeitando as suas diferenças e reconhecendo suas habilidades.

O professor é um dos principais mediadores e responsáveis para que essa inclusão tão descrita em teorias venha se consolidar na prática, por isso a necessidade de uma

formação pedagógica de qualidade para que esses professores estejam preparados para atender as diferenças na sala de aula, buscando estratégias e condições para que o processo de aprendizagem aconteça e que tenha êxitos.

Mediante a tudo que foi observado, podemos afirmar que a parceria escola e família trás grandes contribuições para o desenvolvimento e inclusão da criança com TEA.

REFERÊNCIAS

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca- Espanha.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. 57 p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015. 96 p.

MELLO, A. M. Ros de. **Autismo guia prático**. 7. Ed. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2007. 104 p.

SILVA, A. B. B. GAIATO, M. B. REVELES L T. **Mundo Singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012. 190 p.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo. Guia dos pais para o tratamento completo**. 4. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017. 96 p.